

## Pelo Brasil afora: caminhos da educação nas notas de viagem de Rocha Pombo

## Through Brazil: paths of education in the travel notes of Rocha Pombo

Alexandra Lima da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

Trilhar os caminhos da educação na ótica do viajante Rocha Pombo, é o horizonte do presente trabalho. Ao analisar notas de viagem como fonte e objeto, buscam-se mapear as defesas em relação à existência de diferentes instituições educativas para crianças, mulheres e desvalidos, sujeitos que na perspectiva do intelectual, precisavam educar-se para elevar o país como grande nação, nos trilhos do progresso anunciados com a República. Os contatos estabelecidos com diferentes sujeitos nos tempos da viagem, realizada nos estados do dito norte do Brasil no ano de 1917, foram cruciais para a adoção e circulação dos livros didáticos do intelectual paranaense em âmbito nacional. Para balizar as questões propostas, busca dialogar com as perspectivas de Michel Serres (1997), Peter Brenner (2011), Antonio Viñao Frago (2007), Ana Chrystina Venancio Mignot & José Gonçalves Gondra (2007).

**Palavras-chave:** Notas de viagem; norte do Brasil; Rocha Pombo

### Abstract

Walk the paths of education from the perspective of the traveler Rocha Pombo, is the horizon of the present article. By analyzing travel notes as the source and object, aims to map the defenses on the existence of different educational institutions for children, women and disabled, because in the perspective of intellectual, the education is needed to raise the country as a great nation, in the direction of progress that was announced in the Republic. The contacts established with different subjects in journey times, held in the states of the said northern Brazil in 1917, were crucial to the adoption of Rocha Pombo's textbooks in nationwide. To mark out the proposed questions, seeks to dialogue with the prospect of Michel Serres (1997), Peter Brenner (2011), Antonio Viñao Frago (2007), Ana Chrystina Mignot & José Gonçalves Gondra (2007).

**Keywords:** Travel notes, northern Brazil; Rocha Pombo

---

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Dra. Alexandra Lima da Silva  
Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bacharel, licenciada e mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Membro do grupo de pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História.  
Contato: alexandralima1075@gmail.com

### - *Relatos de viagem como caminho de pesquisa*

Tempos de viagem, momentos de vida. Pelo Brasil afora, um “amável e simpático velhinho” (POMBO, 1918, p. 124) se aventurava à bordo de navios e barcos por mares e rios caudalosos, numa travessia iniciada em 21 de julho de 1917, no Rio de Janeiro, tendo como último porto, a cidade de Manaus, onde escrevia: “eu não sabia que o Brasil era tudo isso! Desde o dia em que saltei no primeiro porto, fui sentindo surpresas, que se faziam crescentes, até cair em maravilha lá pelo extremo norte até Manaus” (POMBO, 1918, p. 8).

Em forma de livro, publicado por Benjamin de Águila em 1918, as impressões advindas da viagem realizada pelo paraense Rocha Pombo a onze estados do Brasil nos idos de 1917 permitem que sejam vislumbradas muitas questões. Quem foi o viajante? Quais os sentidos e motivações? Qual o lugar da instrução nas páginas do impresso?

Ao longo de 271 páginas, contendo data e lugar, as anotações ganham forma de impresso, sendo a primeira parte, um prefácio, escrito na fase pós-viagem, nos idos de 24 de dezembro de 1917, ocupando 19 páginas do opúsculo. No exemplar analisado na presente pesquisa consta a assinatura de Enoch de Cerqueira Lima, em Santos, aos 2 de fevereiro de 1920. Neste sentido, é importante atentar para a materialidade do impresso, pensando as motivações para a edição, recepção e circulação do mesmo, conforme indicam as perspectivas de Roger Chartier nos apontamentos sobre as utilizações do objeto impresso (CHARTIER, 1998).

Em escritura não linear, com idas e vindas, repleta de escolhas, recortes, em muito sentido, similar aos próprios do movimento de escrita da história, uma vez que como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidades, pois “selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou” (ALBERTI, 2003, p. 14). Todavia, o autor tenta enfatizar no prefácio que não houve esse trabalho de polidura que vislumbramos na análise de sua escrita de viagem. É possível aferir certa preocupação com o olhar do outro sobre si, posto que a seleção e o uso de recortes de jornais e outros documentos pelo autor, para além do auxílio à memória na escrita, pode também, fazer parte da intenção do autor de

sua imagem construída mostrar ao público, sua aceitação e notoriedade na viagem empreendida.

Uma vez que a viagem é pensada aqui como uma prática social repleta de significados, e também, enquanto representação, entendida enquanto “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17), tomamos como aportes teóricos as importantes contribuições de Chartier, na articulação entre a ideia de representação com o social:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p. 17).

Ao adentrar pelo país, pôde conhecer gentes, paisagens e histórias de um Brasil “interior” tão próximo e exótico ao mesmo tempo, remetendo, em muita medida, à dimensão proposta por Antonio Viñao, em relação à viagem, em que “todos los viajes educan, aunque solo sea por abrir al viajero a una realidad diferente a la suya. Sólo que unos educan más que otros, o de forma diferente a otros” (VIÑAO FRAGO, 2007, p. 15). A dimensão da aprendizagem pode ser pensada enquanto um dos sentidos da viagem, mesmo quando esta não aparece como a motivação principal.

Nascido em 1857, na cidade de Morretes, interior do atual estado do Paraná, sul do Brasil, José Francisco da Rocha Pombo, ainda muito jovem, ingressou no magistério das primeiras letras e no exercício da escrita em periódicos, publicando artigos relacionados à instrução. Mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital da República em 1897, onde, a partir de então, passa a frequentar os círculos intelectuais da cidade, em esforços diversos para sobreviver e se estabelecer no campo intelectual. Foi po-

eta, historiador, professor do Colégio Pedro II, da Escola Normal, membro do Instituto Histórico e Geográfico (membro efetivo e honorário) e jornalista. Morreu aos 75 anos, quando acabara de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, sem tomar posse.<sup>1</sup> Em relação aos impressos publicados de sua autoria, é possível apreender que escreveu contos, romances, poesia, livros de história, ensaios, dicionários, livros didáticos.

Nas perspectivas da História da Educação, acompanhando um movimento de outros trabalhos sobre a temática viagens e viajantes produzidos na área, têm sido utilizadas fontes diversas, tais como cartas, cartões, diários, relatórios, notas de viagem, dentre as quais, “transbordam relatos de espanto, admiração, respeito e esperança. Olhares de familiaridade e estranhamento que tentaram inspirar e legitimar mudanças nas realidades educacionais” (MIGNOT & GONDRA, 2007, p. 9).

O livro **Viagens Pedagógicas**, organizado pelos professores Ana Chrystina Mignot e José Gonçalves Gondra, reúne uma série de experiências de viagens de educadores e educadoras, num mosaico com diferentes nacionalidades, temporalidades e destinos. A despeito das tantas viagens de educadores, no caso Rocha Pombo, busca-se, inventariar temas e abordagens traçados em relação às instituições, às práticas educativas cotidianas e aos sujeitos com os quais dialogou ao longo da jornada, em que a dimensão da aprendizagem pelo encontro com o outro e pelo movimento, são essenciais para compreendermos a condição do viajante em suas muitas buscas e inquietações.

Durante quase cinco meses pelo Brasil afora, atravessando rios e matas, descobrindo gentes, histórias, paisagens, Rocha Pombo percorreu um total de onze estados: Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará, e Amazonas. As vivências explicitadas por Rocha Pombo remetem, em muita medida, aos ditos “relatos de espaço” em que, “todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. A este título, tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial” (CERTEAU, 1994, p. 200).

O relato desta jornada mostra-se impregnada por surpresas e percalços, valorizando ainda mais os feitos de seu “heroísmo,” uma vez que alegara ter que enfrentar muitos medos e dificuldades, e mesmo, sacrifícios, esboçando em várias passagens do seu relato, a presença do temor em relação a naufrágios e desastres similares:

Se o vapor tivesse naufragado, ou se eu tivesse morrido de febres no Amazonas, como chegaram a prognosticar-me sinistramente—não faltaria quem me explicasse o intento obcecado como um arrastamento do destino (POMBO, 1918, p. 20).

### ***Outros olhares: viajantes na história da educação***

Em que medida é possível pensar, para além da escrita do historiador, do literato, do jornalista, uma preocupação com a educação na experiência de Rocha Pombo? A partir de seus vestígios e pegadas, por meio de seus textos, busco pensar as contradições, tensões e coerências deste sujeito. Enquanto viajante, Rocha Pombo demonstrava especial interesse pelos aspectos referentes à instrução e educação, em suas andanças pelo Brasil afora e, assim como ele, muitos outros sujeitos, realizaram incursões que podem sim, ser concebidas como educativas e pedagógicas, considerando o próprio viajar enquanto um movimento de possível ampliação e conquista de novos conhecimentos sobre o outro e sobre si mesmo.

A dimensão da aprendizagem, que nas palavras de Michel Serres, consiste numa tal mestiçagem, através do encontro com o outro, com a alteridade, é essencial para o entendimento da condição do viajante em suas angústias e inquietações. Por meio dos contatos estabelecidos, novos saberes e novos espaços são desvendados, num constante movimento de busca pelo conhecimento em que, conforme salienta Serres, as várias diferenças conhecidas e assimiladas durante as viagens, trazem para casa, novos gestos e novos usos, além de muitas outras aprendizagens “para fazer brilhar a liberdade de invenção, ou seja, de pensamento”(SERRES, 1997, p. 60).

Embarcando para a Europa do século XVIII, encontro homens como John Locke, David Hume e Jean Jacques Rousseau, discutindo a respeito das vantagens e desvan-

tagens das viagens no processo educativo (BRENNER, 2011, p. 14). A viagem teria sempre um duplo efeito: modificaria a cultura visitada e a própria cultura do viajante. Na perspectiva de Peter Brenner, viajar definiu-se como um importante instrumento para a educação no século XVIII, ou pelo menos, desde **A Sentimental Journey**, de Laurence Sterne (1768).

Por sua vez, o “mito da viagem educativa” estabeleceu-se na Alemanha especialmente desde Goethe. Todavia, pondera Brenner, para muitos estudiosos, nem sempre a viagem terá uma dimensão educativa significativa na vida dos sujeitos, pois o viajante pode ver menos de uma cultura do que ele pensa. Ele só vê o que pode ver, dentro daquilo que sua cultura lhe permite, no que interferem problemas individuais, necessidades, preconceitos e estereótipos, que podem ter até mais influência do que a percepção autêntica do desconhecido. Um exemplo disso, para Peter Brenner, poderia ser visto na literatura, na obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Quixote nada teria aprendido em suas jornadas. Ele não teria se tornado mais inteligente, mais informado ou mais “iluminado” e ao final, teria permanecido o mesmo homem do início da obra: um simpático e inofensivo cavaleiro, cheio de sonhos e ilusões.

As ponderações de Brenner, feitas de análises de viajantes da Idade Moderna, são pertinentes para que não se ignore a dupla dimensão do viajar, que tanto pode ampliar a noção de mundo e de conhecimento, como também, pode servir para reafirmar preconceitos e estereótipos. Com estas ferramentas, busco interpretar os sentidos e construções em torno de algumas experiências que se diziam motivadas por um viés educativo no viajar.

Assim, retornando para Rocha Pombo, procuro não isolar tal experiência. Para tanto, a interpretação de outros sujeitos que realizaram viagens, pode ajudar na compreensão dos sentidos, aproximações e especificidades no objeto em questão.

A partir do inventário de algumas destas experiências, procuro compreender as nuances de cada uma. Desse modo, o inspetor técnico de ensino Estevão de Oliveira<sup>2</sup> foi comissionado pelo governo e no ano de 1902, viajou para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro como re-

presentante da comissão do governo mineiro, a fim de visitar as escolas dos referidos estados, de modo a delinear um plano de reforma para o ensino público primário e Normal mineiro (CHAMON & FARIA FILHO, 2010). O viajante pôde observar os modelos escolares e os métodos adotados nas escolas, comparando com a experiência de Minas Gerais. Ademais, as observações possibilitaram elementos para a escrita de um relatório, intitulado **Reforma do ensino primário e Normal em Minas Gerais**, produzindo uma:

Reflexão transformada em escrita, em que o olho era ordenado pela mão, o relatório era uma prestação de contas ao governo de sua viagem comissionada, ao mesmo tempo em que era momento de compartilhar percepções, opiniões e conhecimentos sobre um outro com seus contemporâneos (CHAMON & FARIA FILHO, 2010, p. 19).

Assim, através da comparação com outras realidades educacionais dentro do próprio país, Estevão de Oliveira mostrava as diferenças na regulamentação e organização escolar nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Em outro momento, no século XIX, o inspetor da Instrução Pública da Província de Pernambuco, João Barbalho Uchoa Cavalcanti<sup>3</sup>, viajou à corte e às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, e a partir desta experiência, escreveu o relatório **Instrução Pública — estudo sobre o sistema de ensino primário e organização pedagógica das escolas da Corte, Rio de Janeiro e Pernambuco**, publicado no ano de 1897, em Recife, pela Typographia de Manoel Figueiroa de Faria & Filhos (CHAMON & FARIA FILHO, 2010). Dentre outros aspectos, o inspetor direcionou seus olhares em relação às escolas infantis, primárias, asilos, cursos noturnos, escolas dominicais, bibliotecas, museus, caixa econômica escolar, conferências pedagógicas e planos de ensino. Objetivava, a partir da atenta observação, adotar os aperfeiçoamentos e melhoramentos na educação de Pernambuco (SCHUELER, 2008, p. 437).

Assim, nos casos Estevão de Oliveira e Uchoa Cavalcanti, ambos ocupavam posição diferente de Rocha Pombo ao viajar. Enquanto inspetores, a reflexão e os olhares dos mesmos sobre a educação deveriam ir de encontro à pre-

ocupação com a organização da educação, traçando, por meio dos relatórios oficiais, um diagnóstico, para muitas vezes, remodelar a realidade educativa vigente<sup>4</sup>. Neste sentido, a figura do inspetor pode ser entendida em uma dimensão mediadora, pois, ao realizar um diagnóstico, o inspetor produz um discurso mediador, que, “mais do que revelar a realidade das coisas como pretendia, indicava determinados lugares sociais de pertencimento e a sua posição política como autoridade gestora da instrução em uma região do país” (SCHUELER & GONDRA, 2008, p.442).

A prática de olhar para dentro, e peregrinar no próprio território também foi experimentada em outras realidades educacionais, em âmbito internacional. Na Espanha, por exemplo, o jornalista Luis Bello<sup>5</sup> percorreu as escolas das distintas regiões espanholas entre 1925 e 1931, construindo, de acordo com a perspectiva de Agustín Escolano, uma radiografia da realidade educativa do país, em sua diversidade, com especial olhar para a realidade das escolas rurais (ESCOLANO, 1997, p. 17).

Por sua vez, muitos foram aqueles que saíram de seus países em busca de outras experiências educativas, com intenções e olhares diversos, podendo a viagem ser pensada enquanto “técnica de investigação e conhecimento, como prática de observar, experimentar, comparar e produzir conhecimento sobre o outro” (GONDRA, 2010, p. 13). Ademais, ao conhecer outras realidades, os educadores poderiam “refletir sobre a circulação de ideias, projetos e modelos educacionais em curso” (*Ibidem*). Dentre os destinos no exterior, destacam-se aqueles se dirigiam aos países da América e Europa.

A primeira comissão oficial de professores brasileiros que percorreu o continente europeu, no ano de 1890, era composta por Luiz Augusto dos Reis, Manoel José Pereira Frazão e Amélia Fernandes da Costa, com a finalidade de estudar o sistema educacional de vários países, a saber, Portugal, Espanha, França, Bélgica, Itália, Suíça, Suécia e Inglaterra. Os relatos de tais educadores foram divulgados nas páginas da **Revista Pedagógica**, publicação do *Pedagogium* (MIGNOT & SILVA, 2011).

A professora mineira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade<sup>6</sup> embarcou rumo aos Estados Unidos em 1883,

onde objetiva, estudar os métodos froebelianos, onde preparou-se para observar os métodos da dita Educação Nova, praticados no New York Seminary for Kindergartners. Para Carla Simone Chamon, a viagem possibilitou à professora, aquisição de conhecimentos, bem como, reconhecimento e distinção no meio educacional, “uma vez que viu o que a maioria das pessoas não pode ver” (CHAMON, 2008, p. 147), e ao retornar ao Brasil, passou a publicar seus livros para a instrução elementar, fazendo circular os aprendizados adquiridos em trânsito.

Nas primeiras décadas do século XX, outro conjunto de educadores e educadoras realizou travessias para fora do Brasil. O intelectual Anísio Teixeira peregrinou aos Estados Unidos e à Europa entre 1925 a 1929, deixando diários e relatórios, registrando por escrito, a busca pelo conhecimento dos modelos referenciais de educação a partir do contato com diferentes culturas (NUNES, 2007). Já a educadora Armanda Álvaro Alberto, na qualidade de integrante da Embaixada de Intercâmbio Intelectual, desembarcou no Uruguai em 1931, a fim de, estreitar o contato entre os professores e alunos oriundos de Brasil e Uruguai (MIGNOT, 2010). Com o objetivo de tornar real o projeto de integração dos povos de Portugal e Brasil, Cecília Meireles, em sua dimensão de educadora, atravessou a imensidão do atlântico em 1934, produzindo, durante o percurso, cartas e outras escritas, que ajudaram na visibilidade e divulgação desta experiência (PIMENTA, 2008). Por sua vez, participar de um curso no prestigiado Instituto Jean-Jacques Rousseau e visitar algumas escolas europeias foram as missões da educadora campista Antonio Ribeiro de Castro Lopes, em 1930 (MIGNOT, 2007).

Todavia, o movimento de estudar em instituições de referência também compunha o repertório de educadores americanos e europeus. No século XIX, podem ser destacadas as experiências americanas rumo ao exterior. O argentino Domingo Faustino Sarmiento foi enviado no ano de 1845 em missão oficial do governo chileno para estudar a formação de professores e métodos educativos na Europa, tendo visitado Espanha, Itália, França e Prússia, onde analisou detalhadamente as políticas e realidades educacionais dos países<sup>7</sup>. A experiência rendeu a Sarmiento muitos frutos, como a publicação da obra **De la educación popular**, além da aproximação com

os estudos de outro viajante, o estadunidense M Horace Mann (SARMIENTO, 1849). Este último, junto a esposa, Mary Peabody, viajou em maio de 1843 rumo ao continente europeu a fim de estudar as distintas instituições educativas na Inglaterra, Irlanda, Escócia, nos territórios alemães, Holanda, Bélgica e França. As observações abarcaram um amplo espectro de estudos, desde os espaços e edifícios de ensino, as estruturas e sistemas educativos e métodos pedagógicos até as diferentes instituições educativas como escolas primárias, secundárias, normais, universidades, as escolas públicas e privadas, reformatórias, dentre outras (SCARZANELLA, 2007, p. 24).

Assim como Sarmiento, outros dois argentinos viajaram para o continente europeu na metade do século XIX. Aos 32 anos, Juan Bautista Alberdi chegou ao velho mundo em junho de 1843 e Florêncio Varela, aos 36 anos, desembarcou em terras europeias em outubro do mesmo ano (WEINBERG, 1997, p. 1006). Em comum, tanto Sarmiento, como Alberdi e Varela vivam exilados, sendo que os dois últimos encontravam-se no Uruguai. Com cinco meses de duração, os destinos de Alberdi foram Itália, Suíça e França, enquanto Varela percorreu, em seis meses, Inglaterra e França. Juan Bautista Alberdi ambicionava estudar o sistema judicial do reino da Sardenha, considerado por ele o mais adiantado da época, sendo sua viagem uma motivação pessoal e privada. Por sua vez, Varela foi comissionado pelo governo Uruguai, em missão diplomática junto ao governo da Inglaterra. Entretanto, outros interesses foram incorporados, como as atividades culturais e situação política dos países visitados.

Dentre os europeus que realizaram viagens, muitos foram os educadores portugueses que realizaram estudos e estágios em instituições como o Instituto Jean-Jacques Rousseau seguindo o movimento de frequentar e “conhecer instituições consideradas, de alguma maneira, exemplares e localizadas em países que passavam por ser dos mais cultos e desenvolvidos da Europa de então” (PINTASSILGO, 2010, p. 65). Em relação à Espanha, “las preocupaciones reformistas fueron la causa primordial que impulsaron a algunos profesores a llevar a cabo un viaje de estudio al extranjero” (MORENO-MARTINEZ, 2007, p. 117). Neste contexto, destacam-se as viagens ao exterior do professor espanhol Félix Martí Alpera<sup>8</sup>entre

finais do século XIX e princípios do século XX, percorrendo países como França, para onde viajou por ocasião da Exposição Universal de Paris de 1900. Por sua vez, Angel Llorca Y Garcia<sup>9</sup>, enquanto membro da Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, liderou e dirigiu um grupo de professores que viajou em 1912 para a França, Bélgica, Itália e Suíça a fim de estudar a instrução primária e instituições complementares da educação popular nestes países (LLORCA Y GARCIA, 1912).

Pelo conjunto de travessias até aqui reunidas, respeitando-se as especificidades de cada uma, nota-se em grande parte dos casos, a preocupação com o registro das experiências, valorizando-se o movimento de buscar conhecer e divulgar as diferentes realidades educativas, dentre do próprio país, ou fora dele. Assim, em muitos dos casos, a observação e anotação do visto e do vivido, unem os distintos viajantes. Ao se preocuparem com as questões referentes à educação, a prática de percorrer escolas e instituições tidas como modelares, foi outra constante nas experiências. Assim, em que medida, a experiência de Rocha Pombo se diferencia e se aproxima dos outros viajantes aqui analisados?

### **- A instrução como causa da nação na perspectiva de Rocha Pombo**

O entendimento da ideia de instrução na ótica de Rocha Pombo é complexo, sobretudo ao mapear os diferentes aspectos desta problemática em suas escritas, especialmente a escrita de viagem. Quais seriam os locais e práticas considerados educativos por ele? Como a localização de sujeitos, instituições e práticas podem ajudar a compreender os sentidos da instrução para o viajante? Que aspectos da cultura escolar e da cultura material podem ser explorados a partir de seus relatos? Qual a importância e os sentidos da instrução popular em sua perspectiva? Como a instrução foi abordada em outras obras de Rocha Pombo?

O relato pelo Brasil afora permite, em muita medida, vislumbrar a existência de diferentes experiências e espaços de instrução pelo país, para além da esfera da capital, tida como locus intelectual e vitrine do progresso e da

modernidade. O deslocamento do olhar para o norte diferencia-se do fluxo dos viajantes que se direcionavam às instituições tidas como modelares na capital federal, ou mesmo, no exterior, conforme apreendeu-se a partir do inventário das viagens de educadores, que em diferentes contextos, olhavam para fora como caminho para superar os considerados problemas internos.

Ademais, na operação escriturária empreendida por Rocha Pombo, nota-se que a história é compreendida como matriz explicativa, que confere estatuto de verdade e de racionalidade ao discurso expresso pela escrita. Esta noção de história fundamenta também o universo de análise do autor acerca da função da instrução no desenvolvimento moral dos indivíduos e no desenvolvimento econômico e social do país. Defendia que, o ensino público, em especial, deveria ser a preocupação maior de todos os governos, de norte a sul do país, como uma estratégia no combate à pobreza e à miséria, envolvendo desde o sistema administrativo, passando aos processos pedagógicos, à atenção aos livros didáticos, dentre outros aspectos (POMBO, 1918 p. 27).

Na companhia de professores e inspetores da instrução, percorreu diferentes espaços, o que fornece indícios para o alargamento da defesa que fazia em torno das causas da instrução. Tais sujeitos, que também podem ser pensados enquanto mediadores e intermediários foram importantes para que o viajante tivesse visões privilegiadas a respeito das diferentes instituições que pôde conhecer. Em Sergipe, o contato com o médico e educador Helvécio de Andrade<sup>10</sup>, então Diretor da Instrução Pública, foi fundamental para a posterior visita à Escola Normal. O apoio de alguns professores locais também foi apontado pelo visitante em diferentes momentos.

Em Natal, por exemplo, destaca a presença do professor Jeronymo Gueiros, lente da Escola Normal, descrito pelo viajante como “homem de espírito culto e alta competência em história” (POMBO, 1918, p. 102). Destacou ainda, a presença de D. Isabel Gondim, professora, historiadora e poetisa, uma das defensoras do ensino público para mulheres<sup>11</sup>.

Já no Maranhão, elege o professor Ribeiro Amaral, “mes- tre de duas ou três gerações na terra maranhense, e é

muito querido e venerado pelos moços e pelas crianças”, sendo também, presidente Academia Maranhense e dono de uma das mais importantes bibliotecas particulares, “a mais opulenta em bibliografia especial do Brasil, e particularmente do Maranhão, possuindo coleções completas da imprensa maranhense” (*Ibidem*, p. 119). A figura do professor Justo também foi lembrada nas anotações de viagem, sendo este descrito como sendo “um homem de muita cultura, dedicado especialmente a geografia, de cuja cadeira é professor no Liceu Maranhense” (*Ibidem*, p. 127). Em Manaus, foram apontadas como decisivas as companhias de Alfredo da Matta, Faria e Souza e do professor Mariano de Lima, em visita realizada ao Ginásio Amazonense, onde também teria estado presente o Dr. Araujo Lima, diretor da Instrução Pública.

Nas visitas que realizou aos mais variados espaços e instituições, a presença de sujeitos envolvidos com as questões do ensino foi crucial para a atenta observação do viajante no que tange às análises sobre a instrução pelo Brasil afora, que pelas preocupações do intelectual do sul, deveria atingir variados públicos, com finalidades e abordagens distintas.

### **- Escolas normais e instrução para as crianças**

Preocupado com a existência de espaços adequados à formação de futuras professoras, Rocha Pombo visitou algumas escolas normais nos estados percorridos. Em Sergipe, pôde assistir a algumas aulas da instituição, considerando a Escola Normal<sup>12</sup>, um bom estabelecimento de ensino, sendo o edifício, que se encontrava situado em posição privilegiada na praça onde estava também a catedral, considerado “amplo e bem disposto, em excelentes condições de higiene”<sup>13</sup>. O viajante destaca positivamente a existência de “algumas aulas de ensino primário, onde as alunas da escola fazem prática escolar” (*Ibidem*, p. 57). É possível aferir certa preocupação com a “boa” localização de uma escola normal, que deveria apresentar instalações físicas apropriadas para o funcionamento adequado de uma escola que formaria futuras professoras<sup>14</sup>. Neste sentido, aos olhos “do passante, o espaço escolhido para educar deveria transparecer a nobreza das intenções

do ato educativo assim como a estabilidade da administração pública” (SANTOS, 2011, p. 23).

Além da Escola Normal, visitou ainda, o Atheneu Sergipense, no qual destaca que era diretor do estabelecimento o Dr. Aristides Pontes, “onde assistimos a varias aulas do Dr. Leandro Diniz (francês), do Dr. Figueiredo Martins (geografia) e do padre Possidônio Rocha” (POMBO, 1918, p. 58). Para o intelectual paranaense, a capital Aracajú cuidaria muito bem da instrução e da caridade, o que deveria causar orgulho ao sergipense, que “distingue-se particularmente por um profundo sentimento, quase piedoso, de amor à terra” (*Idem*).

A respeito da Escola Normal na Paraíba, reforçou o que seria uma “atmosfera de afetos, num delicioso convívio com as almas: recitativos, cantos, danças, tudo numa espontânea alegria de juventude ruidosa, no meio de canduras e meiguices que muito nos comoveram” (*Ibidem* p. 91). Em São Luís, surpreendeu os olhos do visitante, a coexistência, num só estabelecimento, do Liceu e da Escola Normal, onde estudariam “promiscuamente os dois sexos” (*Ibidem*, p. 123). Já em Manaus, além da Escola Normal, relata que conheceu o Curso Anexo, onde alguns alunos realizavam exames (*Ibidem*, p. 172).

A preocupação com a instrução das crianças também chamou atenção no relato do viajante, evidenciando a necessidade de formação, ambiente apropriado, métodos e materiais de ensino para este público. Ao descrever a visita feita ao Instituto Rosa Nina, em São Luís, no Maranhão, destacou a direção de D. Maria da Gloria Parga Nina, onde pôde ver crianças de todas as idades, “e até pequeninas de 5 ou 6 anos, já cantando hinos escolares. Assistimos a várias aulas de exercícios, mostrando as meninas muito desembaraço e vivacidade” (*Ibidem*, p. 128). Do Instituto Benjamin Constant, educandário de meninas em Manaus, com “o coração meio nublado de umas saudades”, recordou-se da tarde em que recebeu homenagem do Dr. Astrolábio Passos, “acompanhado de um bando de crianças uniformizadas”, trazendo cada qual um ramalhete de flores. Com ternura, o viajante do sul afirma que, por serem algumas crianças do instituto “tão pequeninas que foi preciso fazê-las sentar cadeiras. Vinham agradecer-me a visita que eu tinha feito aquele

educandário” (*Ibidem*, p. 203). Como retribuição ao afeto recebido, teria escrito no livro de visitas da instituição:

(...) Vejo, com efeito, aqui o que tem de mais excelente a celeste virtude da piedade encontrando-se com o que há de triste no destino dos humildes. Estas crianças desvalidas, entregues aos carinhos das meigas e desveladas Irmãs de Sant’Anna, projetam no meu coração uma doce claridade como de irradiação divina. Nunca vi tão intimamente associadas a grandeza moral de tais criaturas e a humildade destes pequenos entes, para os quais dir-se-ia que se inventaram estas maravilhas da caridade cristã. É, pois, com a alma em oração que deixo aqui esta expressão do meu culto pela obra que se pratica no Instituto Benjamin Constant; e de toda a minha admiração pelo esforço do Sr Dr. Astrolábio Passos e seus companheiros de trabalho, principalmente pela ternura com que as Irmãs Sant’Anna exercem a sua santa missão. Penso que não exagero afirmando que, no seu gênero, é este o estabelecimento mais perfeito entre os que têm tido a fortuna de visitar o norte do país (POMBO, 1918, p. 172).

Perpassava a preocupação com a instrução para as crianças, a necessidade de assistência à infância pobre, tida desvalida, para a qual, seriam necessários espaços como a criação de orfanatos, no sentido de abrigar e prevenir<sup>15</sup>.

### ***-Asilos de mendicidade, orfanatos e casas de correção: abrigar e corrigir “pobres e desvalidos”***

Os investimentos em obras para a criação de asilos em todo o país foi um dos temas eleitos na escrita do intelectual paranaense, sendo que no estado da Paraíba, a questão já estaria bem encaminhada, uma vez que da visita feita ao asilo de mendicidade, num arrabalde não muito distante do centro da capital paraibana, concluiu ser a dita instituição uma “obra digna de louvores, toda devida ao grande devotamento de alguns homens, destacando que os recolhimentos, de um e outro sexo, na maioria velhos, parecem satisfeitos daquela fortuna” (*Ibidem*, p. 90).

Destacou ainda que quase todos os serviços seriam feitos pelos próprios asilados, tanto os internos como os da

lavoura. Na percepção do viajante, a situação observada neste asilo foi considerada encantadora e modelar, ressaltando a existência de um “magnífico” parque de recreio, através do que, torna-se compreensível, na ótica do visitante, “como não há mendigos na Paraíba” (*Idem*). No asilo de mendicidade do Maranhão, observou que o amplo edifício, seria muito bem cuidado pelas irmãs de Sant’Anna. Entretanto, ponderou que os asilados pareciam “meio tristes, mas visivelmente satisfeitos. Apenas notamos na sessão feminina, certa incúria e desordem no convívio das detentas. Isso há de ser de certo natural, e portanto, inevitável” (POMBO, 1918, p. 143).

Em visita à Beneficente Portuguesa, no Amazonas, destacou que esta seria uma das mais notáveis do Brasil, “chega a ser opulenta e luxuosa” (*Ibidem*, p. 180). Teria sido recebido pela diretoria da instituição, tendo acompanhado toda a visita aos pavimentos, o Dr. Jorge de Moraes, diretor do serviço médico, “explicando-nos tudo com proficiência de mestre e com uma distinção que nos cativou”. Acentua ainda, a respeito do Dr. Jorge de Moraes, que este já teria, como político, “um nome nacional, pois já representou na Câmara o Estado do Amazonas. O que talvez nem todos saibam é que o Dr. Moraes é uma das mais brilhantes notabilidades científicas do norte” (*Ibidem*, p. 180). Posteriormente, ao visitar a Santa Casa de Misericórdia de Manaus, da qual seria provedor Dr. Ayres de Almeida, constatou que esta não seria tão rica como a Beneficente Portuguesa, sendo, ainda assim, um estabelecimento que mereceria especial referência, sobretudo, “pela ordem interna e pelo esmero com que são feitos todos os serviços, e que recomenda pela soma de benefícios incalculáveis que faz à pobreza desvalida” (*Ibidem*, p.181).

A política de controle dos pobres, desvalidos e desajustados foi uma das preocupações do período analisado, sendo as instituições para corrigir os ditos degenerados uma das soluções encontradas para o “tratamento” dos tipos perigosos a ordem social. Além de escolas, asilos, casas de misericórdia, o intelectual paranaense visitou também, as chamadas colônias correccionais, como a localizada em Paricatuba, Manaus, onde pontuou a necessidade do trabalho para a correção dos sujeitos apenados, destacando que:

Era aquilo uma colônia correccional, que o Dr. Baccellar agora converteu em detenção e colônia agrícola. As duas sessões do estabelecimento são dirigidas pelo Dr. Raymundo Pinheiro e o Dr. Orfilo Tavares. Todos os serviços são executados pelos próprios detentos. São eles, ou lavradores, ou artesãos (*Ibidem*, p. 183).

O viajante diz não ter lembranças de ter “visto por ali um só homem fardado”, em que todos pareciam muito satisfeitos, evidenciando uma ordem que admiraria até o criminalista italiano Cesare Lombroso<sup>16</sup> uma vez que, o regime instituído ali seria o mais liberal que se pode imaginar em tais condições, em que, “vivem aquelas criaturas em perfeita liberdade, trabalhando com prazer e muitas fazendo o seu pecúlio, pois ali não se trabalha de graça. Cada trabalhador tem a sua diária e ali permanece até cumprir a respectiva pena” (*Ibidem*, p.183). Pena esta, considerada pelo visitante, a “mais suave que um precito poderia desejar neste mundo. Quantas daquelas almas não andarão a sentir por ali como o homem não é tão ruim quanto haviam pensado” (*Idem*). Revela ainda que, pôde percorrer os campos lavrados e perceber o trabalho realizado pelos detentos nas plantações bem cuidadas por eles.

O interesse de Rocha Pombo pelas chamadas casas correccionais não está deslocado das tensões sociais do momento em que vivia o intelectual, sendo a discussão em torno do que fazer com os aqueles que delinquirem, presente no pensamento social brasileiro e internacional, motivando congressos, viagens e publicações em torno do crime e da necessidade de correção ou castigo para os infratores. Na perspectiva de Myriam Sepúlveda dos Santos, no limiar da República, buscava-se, a substituição de práticas que visassem à degradação do detento, para outras, visando à recuperação (SANTOS, 2004, p. 138). Desse modo, a autora pontua que no Brasil, estabeleceu-se um sistema de punição decrescente, baseado no modelo irlandês, em que aqueles com bom comportamento poderiam “alcançar liberdade condicional após cumprimento de prisão em isolamento e em regimes semi-abertos propiciados por colônias agrícola”, permitindo ao recluso, educação e utilização do trabalho de forma produtiva.

### - *Diferentes espaços, a educação como missão*

Outras experiências educativas também mereceram destaque na agenda do visitante paranaense, sendo os relatos produzidos por ele, interpretados como indícios para se compreender o real, não enquanto algo dado e/ou natural, no sentido de reificar ou cristalizar o relato como verdade, mas sim, tomando as contribuições do historiador italiano Carlo Ginzburg, pensar o possível de análise, “unindo, ponderadamente erudição e imaginação, provas e possibilidades” (GINZBURG, 2007, p. 311). Por meio de tais indícios, podem ser vislumbradas práticas, projetos, normas e ações em torno dos espaços destinados à instrução.

Assim, no estado da Paraíba, em visita ao Colégio Diocesano Pio X, considerado por Rocha Pombo, um dos melhores que pôde conhecer no norte, uma vez que este seria “frequentado por grande número de meninos e moços. Tem cursos primários e de humanidades. Dizem-nos que é muito procurado por famílias, não só da Paraíba, como dos estados vizinhos” (POMBO, 1918, p. 95).

No Tiro Rondon, localizado no estado do Maranhão, o visitante destaca que além de muito obsequiado pelo comandante Franco de Sá, pôde assistir a uma festa, onde estaria presente um grupo de enfermeiras da Cruz Vermelha, “formado por meninas das mais distintas famílias da terra. Estavam todas graciosamente uniformizadas e, com os distintivos da sua função” (*Ibidem*, p. 130). Menciona também a presença de um batalhão de escoteiros, em que, “muitos tão pequeninos que não se sabe como é que já andam direito e já sabem fazer continência” (*Idem*). Ressaltou ainda, que teria assistido a uma aula do Dr. Achiles Lisboa, feita às enfermeiras, a qual considerou “verdadeiramente magistral!” Destacando a “palavra elegante e muito clara, deserto e fluente sem pompa calculada, dizendo tudo com espontânea naturalidade, explicando tudo e tudo iluminado- aquele mestre devia estar na sua cátedra” (*Idem*).

Considera a visita ao quartel em Manaus, uma das mais gratas que pode realizar, onde destaca as companhias do Dr. Alfredo da Matta, e do professor Mariano de Lima. A referida instituição estaria situada na Praça da Constituição, “fazendo frente para o esplendido parque e jardim

que ali existem”, onde o edifício ocuparia todo o quarteirão, “medindo a fronteira uns 60 metros e tendo 30 de fundo”. A grandiosidade das instalações, em “amplos compartimentos, nos dois andares” (*Ibidem*, p. 186), preserva o que seriam as perfeitas condições de higiene, podendo alojar 1.200 homens. Ademais, acentua que “mantem-se ali uma escola regimental, criação do atual comandante e modelada pelas congêres das demais corporações militares, ministrando-se ensino teórico e prático a inferiores e praças” (*Idem*). Para rememorar tal visita, recorre às notícias publicadas nos jornais locais, onde destacou, o “irrepreensível esmero, pela ordem meticulosa, e pelo cunho de severa disciplina e ao mesmo tempo de respeitoso carinho que ali se sente” (*Idem*).

Além da instrução militar, confere especial importância às aprendizagens de ofícios, considerando a visita feita ao Instituto Lauro Sodré, a mais singular, uma vez que na dita instituição, situada à época na Avenida Tito Franco, na capital do Pará, estudariam cerca de 300 alunos, oferecendo aos mesmos, instrução de grau e profissionalização. Na companhia do major Alberto Mesquita e do Dr. Palma Muniz, ressalta a carinhosa recepção feita pelo diretor, Antonio Marçal, professores e alunos. Descreve que à sombra de uma mangueira, ouviram a banda de alunos tocar, onde preparou-se também, no âmbito da própria sala de aula, a sinfonia do Guarani, em que “o maestro Cincinato Souza, professor de aula de música, juntou aos instrumentos usuais, uns como rufos, de madeira, maracás, etc, que produzem uma sugestão perfeita figura do índio” (*Ibidem*, p. 141).

O destaque dado a outros espaços tais como teatro, biblioteca, museu, universidade, permite compreender a preocupação de forma ampla com a noção de espaços para a aquisição de diferentes saberes, conhecimentos e cultura. No Teatro da Paz, em Manaus, vislumbrou a busca do conhecimento por meio das exposições de quadros de pintores famosos, como Paolo Forza, em destaque no momento (*Ibidem*, p. 169). Ainda em terras amazonenses, destaca a visita feita à Universidade de Manaus<sup>17</sup> da qual era diretor o Dr. Astrolábio Passos, sendo o edifício descrito como modesto, “um tanto acanhado, muito exíguas as salas” (POMBO, 1918, p. 175). A instituição é considerada ainda sem grandes recursos,

“contando só com a paixão dos obreiros que a levantam” (*Idem*). Ademais, visitou o Instituto Universitário, do qual era diretor Dr. José Chavalier. Descreve que ali pôde ver uma “multidão de meninos falando em pátria, e trêmulos de entusiasmos ao ouvirem o nome do Brasil. E era afinal a mesma exaltação em todas as escolas” (*Ibidem*, p. 181).

O interesse de Rocha Pombo pelo ensino superior justifica-se, em muitos aspectos, pelo envolvimento do intelectual em projetos para a criação de duas universidades. Em 1892, o intelectual paranaense Rocha Pombo elabora um projeto de construção de uma universidade em Curitiba, concebendo-a como um dos principais espaços de modernização da cidade, produtora da marcha rumo ao progresso à civilização (CAMPOS, 2006, p. 25). Desse modo, a proposta de Rocha Pombo de criação de uma universidade na capital do estado do Paraná é considerada bastante peculiar no período, uma vez que muitas das discussões em torno da criação de universidade estavam centralizadas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, onde se encontravam as faculdades de Direito, Engenharia e Medicina (*Ibidem*, p. 41).

Retornando à experiência no norte do Brasil, outro espaço presente no relato do viajante foram as bibliotecas públicas, evidenciando a preocupação com a criação de espaços não somente para a guarda de livros, como também, enquanto um espaço formador, destacando a existência de artefatos e objetos da cultura material, para além de livros. Em São Luís, observou que se guardava na Biblioteca Pública local, um pedaço da nau em que naufragou Gonçalves Dias, estando o restante no Museu Nacional, segundo informaram. Já na Biblioteca Pública de Belém, ressalta que na referida repartição, se reuniu e acondicionou todo tipo de papéis, livros, mapas, dentre outros, sobretudo, graças “a boa vontade do ilustre diretor e aos esforços do Dr. Palma Muniz” (POMBO, 1918, p. 40).

Além de atentar para a localização das escolas nas cidades, Rocha Pombo confere especial olhar ao cotidiano e funcionamento das instituições de ensino, fornecendo indícios para a análise de aspectos da cultura material escolar. Assim, ao visitar a Escola Normal de São Luiz no Maranhão, permite que se vislumbre o que considera um belo e espaçoso edifício, onde além de amplos salões

para as aulas, com excelente mobiliário, existiriam gabinetes de Física e Química, além de aparelhos modernos para o estudo de Cosmografia. Causa estranhamento a coexistência de meninos e meninas num mesmo espaço, que ali estudariam promiscuamente, sob a direção do Dr. Lamagnière. Do Instituto Benjamin Constant, na capital amazonense, destacou as muitas dependências do estabelecimento, dentre os quais, locutório, capela, dispensa, enfermarias, sala de prendas, jardim e horta.

Os relatos de Rocha Pombo também mostram preocupação com a circulação e usos de livros didáticos, o que possibilita esboçar indícios da própria circulação de livros e impressos em falas como esta, em que “não me lembro bem se ali encontramos, como em outras capitais, as cartas de Weiszflog ensino intuitivo” (POMBO, 1918, p. 66). Outros trechos reforçam o argumento em favor do interesse do viajante pelos livros didáticos, como na ocasião em que visitou o grupo escolar Barão de Maroim, dirigido pelo Dr. Mario Menezes onde “vi as coleções Weiszflog para o ensino intuitivo” (*Idem*).

Ou ainda: “quando fui despedir-me do Dr. Matta, quem me veio receber no jardim, e muito ancho de alegria, foi o pequeno Arnaldo, dizendo-me logo que tinha lido já o *Nossa Pátria*, e abraçando-me carinhoso” (*Ibidem*, p. 206). Pode-se aferir que os usos dos livros didáticos não se limitavam ao ambiente da escola ou sala de aula, pois a leitura do menino Arnaldo parece ter sido no ambiente familiar, uma vez que Rocha Pombo visitara a casa e não a escola da criança. Ademais, interrogo: por que o viajante buscava e evidenciava apenas os livros da editora Weiszflog?

A escolha de Rocha Pombo parece ancorar-se na tentativa de conferir visibilidade à recém-lançada editora, bem como, aos livros editados pela mesma, sendo o livro didático *Nossa Pátria*, lançado em 1917, de autoria Rocha Pombo, um dos investimentos da referida editora. Assim, a viagem pode ser pensada enquanto uma estratégia editorial no sentido de, não somente verificar a recepção e circulação dos impressos, como também, tornar mais conhecidos os seus autores.

## Considerações finais

O presente trabalho buscou contribuir com os estudos no campo da História da Educação, problematizando as pegadas e registros produzidos no viajar em seu caráter peculiar, errante, como um caminho possível de pesquisa, sobretudo, para se inventariar temas, abordagens e escolhas no que concerne aos olhares que o viajante teceu, em seus múltiplos pertencimentos, percursos e percalços, como também, em relação às instituições, às práticas educativas cotidianas.

Além disso, o relato de Rocha Pombo pelo Brasil afora nos permite, em muita medida, vislumbrar a existência de diferentes experiências de instrução pelo país, evidenciando a circulação de livros didáticos e de diferentes práticas e concepções de educação no período, para além da esfera da capital tida como lócus intelectual e vitrine do progresso e da modernidade.

A análise do registro de viagem de Rocha Pombo o circunscreve no movimento coletivo de diferentes sujeitos e debates a cerca da necessidade de projetos de educação para o “povo”, na constituição de um país que se pretendia grande, encontrando na diversidade e na igualdade, a constituição enquanto pátria para o progresso, unida do sul ao norte.

## (Endnotes)

<sup>1</sup> PILOTO, 1953; MACHADO, 1987; CARDIM, 1958; QUELUZ, 1998.

<sup>2</sup> Além de inspetor, Estevão de Oliveira também foi educador e jornalista, além de proprietário de alguns jornais (KAPPEL, 2010, p. 16).

<sup>3</sup> João Barbalho Uchoa Cavalcanti nasceu no estado de Pernambuco, em 13 de julho de 1946. Formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, na Faculdade de Direito de Recife, em 1867. Além de promotor público, dedicou-se ao jornalismo. Em 1873 tornou-se Inspetor Geral da Instrução Pública, cargo exercido por 16 anos, onde seus trabalhos pedagógicos determinaram modificações importantes na instrução primária e secundária da província. Foram reconhecidos, inclusive em exposições pedagógicas como a que ocorreu em 1883 no Rio de Janeiro, quando recebeu medalha” (BEZERRA, 2010, pp. 81-82).

<sup>4</sup> Muitos são os estudos que se debruçam sobre a figura do inspetor de ensino e sobre os relatórios produzidos pelos mesmos. Dentre alguns trabalhos, cito: FARIA FILHO, 2000; ISOBE, 2004.

<sup>5</sup> Nascido na Vila de Salmantina de Alba de Tormes, no ano de 1872, Luis Bello foi jornalista e escreveu em muitos periódicos da Espanha, dentre os quais, *El Sol*, onde inicialmente publicou suas impressões sobre as visitas às escolas. Em 1926 publicou **Viajes por las escuelas de España**, edições Magisterio Español. Faleceu em 5 de novembro de 1935(ESCOLANO, 1997).

<sup>6</sup> Nascida em 1839, na cidade de Ouro Preto, foi professora, tradutora e autora de livros, dentre os quais se destacam: **Resumo de História do Brasil**, em 1888, **Primeiro Livro de Leitura, Segundo Livro de Leitura, Terceiro Livro de Leitura**. A respeito da educadora, ver: CHAMON, & FARIA FILHO, 2007; CHAMON, 2008.

<sup>7</sup> Nascido em 1811, em San Juan, Argentina, foi opositor do regime político de Rosas, motivo que o levou ao exílio no Chile em 1841, onde permaneceu até 1853. Fundou a primeira Escola Normal de preceptoras da América do Sul no ano de 1845, e posteriormente, publicou uma de suas obras mais conhecidas, **Facundo. Civilização e Barbárie. Vida de Juan Facundo Quiroga**. Outra importante obra de Sarmiento deriva de suas travessias ao continente europeu. (SARMIENTO, 1997).

<sup>8</sup> Educador espanhol nascido em Valência, no ano de 1875. Autor de numerosas obras e livros didáticos participou da criação das primeiras escolas graduadas da Espanha. Viveu 65 anos, falecendo em 1946. (www.um.es/muvhe/felixmartialpera, consulta em 20/12/2010)

<sup>9</sup> Professor espanhol nascido em 1866, dedicado às questões da escola pública, publicou artigos reivindicando melhores condições para as escolas, crianças e professores, propondo reformas para tanto. Viveu na Residência dos Estudantes, em Madri, de 1910 a 1936. Faleceu em 1942 (ALCAZAR, 1999).

<sup>10</sup> Formado em medicina na Bahia, Helvécio de Andrade teria contribuído para a difusão da Pedagogia Moderna em Sergipe. Publicou muitos artigos em periódicos, dedicou-se também ao estudo de doenças, tendo escrito o livro **Os Treze grandes flagelos**, em 1906 (VALENÇA, 2011).

<sup>11</sup> A respeito de Isabel Gondim, ver: MORAIS, 2008.

<sup>12</sup> De acordo com Anamaria de Freitas e Jorge Carvalho do Nascimento, a Escola Normal Feminina em Sergipe teve inauguração em 1877, sendo que em 1881, o Atheneu foi transformado em Liceu Secundário, criando-se uma escola normal mista. Já em 1893, desaparece a separação entre a Escola Normal de Primeiro Grau, feminina, e a Escola Normal do Segundo Grau, masculina (FREITAS; NASCIMENTO, 2008).

<sup>13</sup> Tais indicações vão de encontro à missão social e educadora da escola, que deveria ser construída respeitando as prescrições de higiene vigentes, em que deveriam ser evitados e com-

batidos os lugares úmidos, sombrios, e privilegiados aqueles considerados bem arejados, com sol e muita luz (VIÑAO FRAGO, 1998, p. 83).

<sup>14</sup> A preocupação com o lugar dos prédios escolares acompanha o movimento que indica “a necessidade de que a instituição escolar se localizasse em um edifício próprio, construído com tal fim, acompanhando o crescimento das cidades e as tentativas de regulá-lo mediante o planejamento urbanístico” (VIÑAO FRAGO, 1998, p.81).

<sup>15</sup> São importantes referências os trabalhos: RIZZINI, 1993; OLIVEIRA, 2003; RIZZINI, 2004.

<sup>16</sup> Médico e criminalista, o italiano Cesare Lombroso (1835-1909) é tido como um dos principais ideólogos da Escola Positiva. Defendia que, diante das ditas “classes perigosas,” deveria-se estabelecer uma estratégia de controle e punição, uma vez que o ser humano não teria vontade própria, sendo fortemente condicionado pelos fatores exteriores e interiores que levariam ao caminho do crime e ao delito (TÓRTIMA, 2002).

<sup>17</sup> Considerada a primeira universidade do Brasil, criada em 1909, a partir da Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas, teve como idealizador Joaquim Gomes da Silva Chaves e Diretor Geral, Astrolábio Passos (TUFFANI, 2009, p. 65. Para maiores aprofundamentos, ver: BRITO, 2009).

## Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.
- ALCAZER, Maria de Jesus. Angel Llorca educador. Disponível em: [www.fundacionangelllorca.org](http://www.fundacionangelllorca.org)
- BEZERRA, Rozália. **A higiene escolar em Pernambuco: espaços de construção e os discursos elaborados**. São Paulo, Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, 2010
- BRENNER, Peter J. Does Travelling Matter? The Impact of Travel Literature on European Culture”. In: MUSSER, Ricarda (ed.). **El viaje y la precepción del otro: viajeros por la Península Ibérica y sus descripciones (siglos XVIII y XIX)**. Madrid: Iberoamericana, 2011.
- BRITO, Rosa Mendonça de. **100 anos UFAM**. Manaus: EDUA, 2009.
- CAMPOS, Névio de. **Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892 – 1950**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- CARDIM, Elmano. **Rocha Pombo: o escritor e o historiador**. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 1958.
- CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- \_\_\_\_\_. **As utilizações do objeto impresso**. Portugal: Difel, 1998.
- CHAMON, Carla Simone. **Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_ & FARIA FILHO, Luciano Mendes. O olhar comparativo: Estevão de Oliveira e os grupos escolares em Minas, no Rio e em São Paulo. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 22, p. 17-41, jan/abr. 2010.
- CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- ESCOLANO, Agustín. La visita de Luis Bello a las escuelas de Madrid (1925-1930) In: BELLO, Luis. **Viaje por las escuelas de Madrid**. Edición y estudio introductorio de Agustín Escolano. Comunidad de Madrid, 1997.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. As Escolas Normais da Província: a organização do ensino normal em Sergipe durante o século XIX. In: ARAÚJO, José Carlos; FREITAS, Anamaria G B de; LOPES, Antonio (Orgs). **As Escolas Normais no Brasil: do império à república**. Campinas: Ed Alínea, 2008, pp. 163-176.
- GINZBURG, Carlo. Apêndice-Provas e possibilidades. In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 311.
- GONDRA, José Gonçalves. Apresentação. Dossiê: Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 22, p. 13-16, 2010.
- ISOBE, Rogéria Moreira Resende. **Moldando as práticas escolares: um estudo sobre os Relatórios da Inspeção Técnica do ensino no Triângulo Mineiro (1906-1911)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.
- KAPPEL, Marília Neto. **O pensamento educacional de Estevam de Oliveira expresso através do jornal Correio de Minas (1897-1908)**. São João del-Rei, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São João del-Rei, 2010.
- LLORCA Y GARCIA, Angel. **La escuela primaria. Instituciones complementarias de la educación popular en Francia, Bélgica, Suíça e Itália. Notas de viaje**. Madrid: Librería de los sucesores de Hernando, 1912.
- MACHADO, Brasil Pinheiro. Rocha Pombo. In: **Paraná no centenário**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

- MIGNOT, Ana Chrystina e GONDRA, José G. (orgs). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Viajar para legitimar: Armanda Álvaro Alberto na comissão de Intercâmbio Brasil-Uruguai (1931). In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Dossiê Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos, nº 22, 2010, pp. 43-64.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Entre cartas e postais: uma inspiradora travessia. In: MIGNOT, Ana Chrystina e GONDRA, José G. (orgs). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007, pp. 246-276.
- MIGNOT, Ana Chrystina e SILVA, Alexandra Lima da. Tão longe, tão perto: escrita de si em relatórios de viagens. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.27, n.01, p.435-458, abr. 2011.
- MORAIS, Maria Arisnete. Escritoras oitocentistas: Isabel Gondim e Anna Ribeiro. In: **Educação & Linguagem**, ANO 11, N. 18, pp. 84-106, JUL-DEZ. 2008.
- MORENO-MARTINEZ, Pedro L. Por las escuelas de Europa: los viajes de Félix Martí Alpera (1900-1911). In: **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007, pp. 114-142.
- NUNES, Clarice. Anísio Teixeira na América (1927-1929): democracia, diversidade cultural e políticas públicas de educação. In: MIGNOT, A. C. & GONDRA, J. G. (orgs). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007, pp. 143-162.
- OLIVEIRA, Milton Ramon. **Formar cidadãos úteis. Os patronatos agrícolas e a infância pobre na Primeira República**. Bragança Paulista, SP: EDUSF/CDAPH, 2003.
- POMBO, José Francisco da. **Notas de Viagem**. Rio de Janeiro: Benjamin Águila Editor, 1918.
- PILOTO, Valfrido. **Rocha Pombo**. Biografia. Curitiba, 1953.
- PIMENTA, Jussara. **As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles (1934)**. Tese de doutorado (Educação). Rio de Janeiro, UERJ, 2008.
- PINTASSILGO, Joaquim. Exemplaridade institucional e renovação pedagógica: reflexões a partir das viagens de professores do Instituto Odivelas. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Dossiê Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos, nº 22, 2010, pp.65-86.
- QUELUZ, Gilson. L. **Rocha Pombo - Romantismo e Utopias. (1880/1905)**. Curitiba: Ed. Aos Quatro Ventos, 1998.
- RIZZINI, Irma. **Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção**. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1993.
- \_\_\_\_\_. O cidadão polido e o selvagem bruto: a educação dos meninos desvalidos na Amazônia Imperial. Rio de Janeiro, 2004. (Tese de Doutorado), UFRJ/IFCS/PPGHIS.
- SANTOS, Heloísa Meirelles. **Congregação da Escola Normal: da legitimidade outorgada à legitimidade (re) conquistada (1880-1910)**. Rio de Janeiro, dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda. A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana. **TOPOI**, v. 5, n. 8, jan.-jun. 2004, pp. 138-169.
- SARMIENTO, Domingo F. **Viajes**. (Edición crítica de Javier Fernández).Madrid, ALLCA XX, 1997.
- \_\_\_\_\_. **De la educación popular**. Santiago: Imprenta de Julio Berlin i Compania, 1849.
- SERRES, Michel. **O terceiro instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- SCARZANELLA, Eugenia Scarzanella & SCHPUN, Mônica Raisa Schpun (dir.). **Sin fronteras: dialogos de mujeres y hombres entre America latina y Europa (Siglos XIX y XX)**, Iberoamericana/Vervuert, Madrid, 2007.
- SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de & GONDRA, José Gonçalves. Reformas educativas, viagem e comparação no Brasil oitocentista: o caso de Uchoa Cavalcanti (1879). **Educação e Pesquisa**, Vol. 34, Núm. 3, 2008, pp. 437-448.
- \_\_\_\_\_.& GONDRA, José Gonçalves. Reformas educativas, viagem e comparação no Brasil oitocentista: o caso de Uchoa Cavalcanti (1879). **Educação e Pesquisa**, Vol. 34, Núm. 3, 2008.
- TÓRTIMA, Pedro. Um legado punitivo- Legados da Antropologia Criminal ao longo da Primeira República, em especial no Distrito Federal. **Anais do X Encontro Regional de História- ANPUH-RJ**, 2002, pp.1-10.
- TUFFANI, Eduardo. Centenário da Universidade Brasileira para a História da Universidade de Manaus (1909/1910-1926). **Soletras**, Ano IX, Nº 17 – Supl. São Gonçalo: UERJ, 2009.
- VALENÇA, Cristina de Almeida. A difusão da Pedagogia Moderna em Sergipe: a contribuição de Helvécio de Andrade (1913-1935). Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../084.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../084.pdf). Acesso em: 24 ago. 2011.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. Viajes que educan. In: MIGNOT, Ana Chrystina e GONDRA, José G. (orgs). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007, pp.15-38.
- \_\_\_\_\_. "Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões." In: VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- WEINBERG, Félix. Sarmiento, Alberdi, Varela: viajeros argentinos por Europa. In: SARMIENTO, Domingo F. **Viajes**. (Edición crítica de Javier Fernández).Madrid, ALLCA XX, 1997.